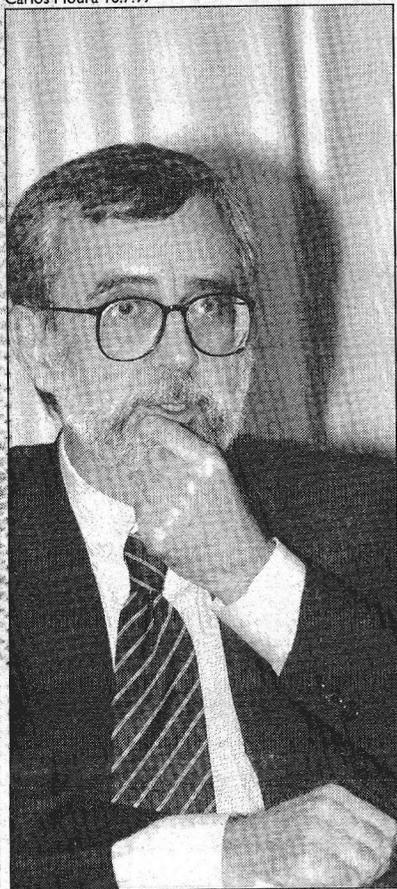


# Tesouro aposta em títulos prefixados



Guimarães: na terça, serão oferecidos R\$ 1 bi em títulos com prazo de 56 dias

Rio — Animado com o bom resultado dos leilões realizados nas duas últimas semanas, o governo decidiu aumentar a oferta de títulos com taxas de juros prefixadas no mercado, para alongar o perfil de financiamento da dívida pública, ou seja, ampliar o prazo de vencimento.

Segundo o secretário do Tesouro Nacional, Eduardo Guimarães, na próxima terça-feira, serão oferecidos R\$ 1 bilhão em títulos com prazo de 56 dias. Isso significa que o governo dobrou a oferta e o prazo dos papéis, uma vez que, nos leilões passados, foram oferecidos apenas R\$ 500 milhões em títulos, com vencimento em 28 dias.

O governo quer diminuir a oferta de papéis pós-fixados no mercado e substituí-los pelos prefixados. Também na próxima terça-feira, o Tesouro Nacional vai leiloar R\$ 3,5 bilhão em LFTs (Letra Financeira do Tesouro), um título corrigido diariamente pela taxa dos emprés-

timos interbancários com lastro em papéis do governo.

No início da semana, foram oferecidos R\$ 4,5 bilhões em LFT. “Dada a receptividade e à forte demanda pelos papéis nos dois últimos leilões, a tendência será aumentar cada vez mais a oferta e o prazo dos títulos prefixados”, disse Guimarães, lembrando que, de um leilão para outro, a taxa caiu de 42,56% para 37,78%.

Guimarães acrescentou que isso reflete a mudança no cenário econômico, antes marcado por uma falta de confiança no Governo. Ele lembrou que desde junho do ano passado não se oferecia títulos com remuneração prefixada nos leilões. De acordo com a Secretaria do Tesouro Nacional, em fevereiro, os papéis prefixados representavam apenas 2% do total da dívida pública mobiliária em poder de mercado. Outros 24% estavam indexados ao câmbio, mas a maior parte, 55%,

eram papéis pós-fixados remunerados pela variação da taxa Selic (juros dos empréstimos). O valor da dívida mobiliária em poder de mercado era de R\$ 368,5 bilhões. A tendência é de um aumento da parcela de títulos com remuneração prefixada no total da dívida pública. “É melhor ir devagar do que avançar muito rápido e depois ter de retroceder”, disse.

## PRAZO

o governo teve ontem mais uma prova de que a demanda por títulos públicos está em alta no mercado. Um leilão de US\$ 400 milhões em notas do Banco Central corrigidas pelo dólar (NBCEs) saiu ontem com juros de 20,99% ao ano, contra uma série de leilões nas semanas anteriores com taxa de 31%. As notas têm prazo de vencimento de cinco meses, quase um mês superior ao das ofertas anteriores, mas mesmo assim os bancos aceitaram taxas

menores. O último leilão aconteceu há uma semana, no dia 24.

A queda de um leilão para o outro, de mais de dez pontos percentuais, reflete a melhoria nas expectativas do mercado em relação ao curto prazo. Investidores internacionais estão trazendo dinheiro para comprar títulos, acreditando que o risco das aplicações no país nesse prazo diminuiu o bastante para que os juros altos sejam atrativos.

O BC manteve os juros em 42% ao ano, mas pegou dinheiro emprestado dos bancos por apenas um dia e manteve a possibilidade de corte iminente nos juros. As taxas podem cair na segunda-feira. Os bancos apostaram nessa possibilidade e já negociaram terça-feira Certificados de Depósito Interbancário (CDIs) com juros pouco acima de 39% ao ano. Isso indica uma expectativa de que os juros caíam para 40% na segunda, já que os CDIs viram reservas bancárias no dia útil seguinte.

Esse ambiente favorável fez com que o dólar voltasse a cair ontem, dia da liquidação dos contratos futuros da moeda. A cotação fechou em R\$ 1,72 e não caiu mais porque o BC e o Banco do Brasil compraram dólares, como nos últimos dias. Essas compras fizeram as reservas internacionais subirem US\$ 44 milhões na terça-feira e chegaram a US\$ 34,554 bilhões. O dólar fechou o mês com queda de 16,6%.

Os investimentos em renda variável foram os grandes beneficiados com a queda do dólar. A Bovespa fechou o mês com alta de 20% em real e de 43% em dólar. Os fundos de ações, com isso, tinham se valorizado 18,89% até 26 de março, segundo dados da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid). “Tudo indica que as bolsas ainda subirão em abril”, disse Rubens Sardenberg, economista-chefe do ABN-Amro Bank.